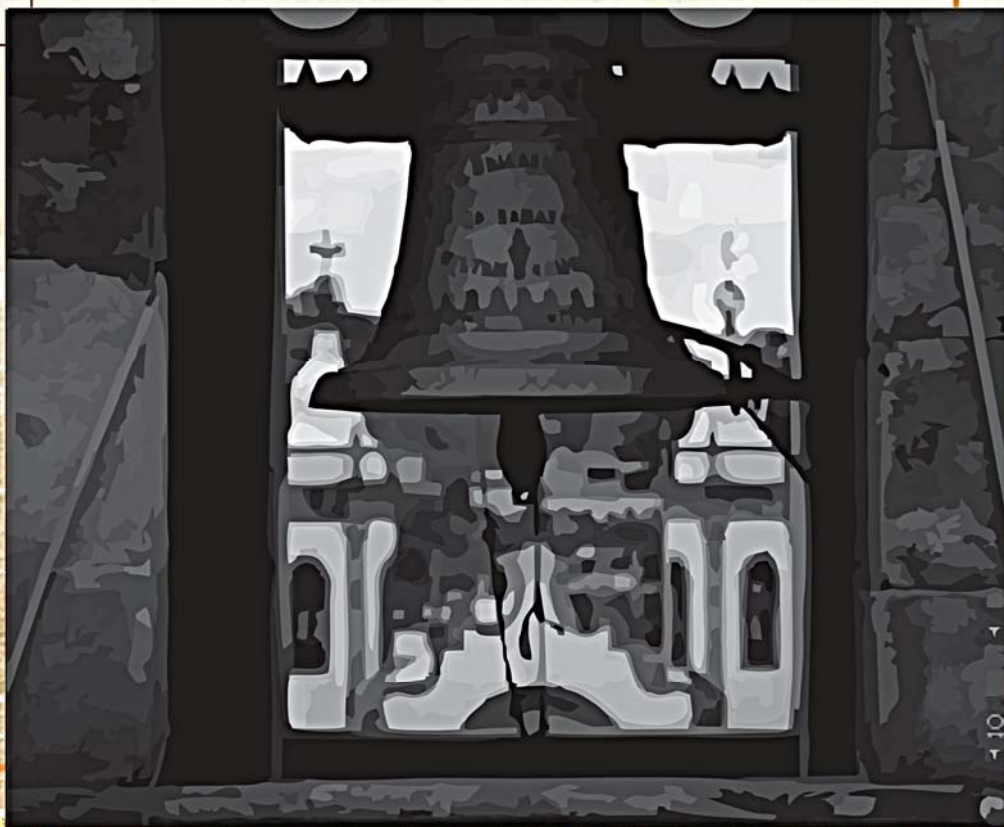


Anais
do:

I Encontro de Musicologia

Distórica do Campo das Vertentes



06 e 07 de outubro de 2017
São João del-Rei, MG

APOIO



Pró-Reitoria de Extensão
e Assuntos Comunitários



Projeto
Memória Viva
arquivos musicais em São João del-Rei e região

dmusi
departamento de música



Universidade Federal
de São João del-Rei



REALIZAÇÃO

IMPRESSOS MUSICAIS EM GOIÁS E O ACERVO BALTHASAR DE FREITAS

Rodrigo Alves da Silva⁵⁸
Carlos Alberto Figueiredo⁵⁹

RESUMO:

Esta comunicação apresenta uma pesquisa de mestrado em andamento que visa estudar a série Música Impressa do acervo do maestro Balthasar de Freitas (1870-1936) de Jaraguá, Goiás. O objetivo é determinar as principais características dos itens que compõe este corpo de documentos musicais, tais como: gêneros, formações instrumentais, compositores, casas editoriais, entre outras. Com esses dados pretende-se resgatar a história dos impressos musicais em Goiás, identificando os agentes envolvidos (editores, comerciantes, intérpretes e público), os locais e as ocasiões em que esse repertório era executado. Para alcançar o objetivo será elaborado um catálogo das obras da série que apresentará um conjunto de elementos descritivos que incluirá códigos de identificação e descrição individual dos documentos, com informações como: nome, origem e período em que viveu o compositor; gênero atribuído; formação instrumental; casa editorial; numeração de chapa; local de publicação e estado atual do material. Os resultados iniciais mostram que a série Música Impressa do acervo Balthasar de Freitas é constituída de cento e vinte obras musicais, sendo a maioria danças de salão, divididas em vários gêneros, mas também há algumas marchas e música sacra. Este estudo visa colaborar com a história da música em Goiás e a história da música impressa no Brasil. Além disso, pretende contribuir com a organização, manutenção e divulgação do acervo Balthasar de Freitas, atualmente uma das principais testemunhas do passado musical de Goiás.

Palavras-chave: Arquivos Musicais; Acervo Balthasar de Freitas; Música Impressa; Catalogação; História da Música em Goiás.

INTRODUÇÃO

A musicologia histórica sobre o Brasil tem se desenvolvido significativamente desde os primeiros estudos sobre música colonial mineira realizados por Curt Lange na década de 1940. De acordo com Pinto (2010, p. 1), seguindo os passos de Francisco Curt Lange, pesquisadores como Cleofe Person de Mattos, José Maria Neves e Régis Duprat, entre outros, não só contribuíram para o aumento do foco das pesquisas sobre música em Minas Gerais, como também contribuíram com estudos sobre a música de outras regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e Nordeste.

Estes estudos histórico-musicais se basearam em manuscritos produzidos durante os séculos XVIII e XIX, pois a música do período colonial e grande parte da música do período

⁵⁸ Especialista, Universidade Federal de Goiás, alvesoboe@gmail.com

⁵⁹ Doutor, UNIRIO/Universidade Federal de Goiás, cafigcarlos@gmail.com

imperial circulava inteiramente em manuscritos. Segundo Neves (1997, p. 11), a proibição do estabelecimento da imprensa no Brasil e a restrição na importação de livros fizeram com que os únicos textos que geralmente circulassem em forma impressa durante o período colonial fossem cartilhas, tabuadas e catecismos. Assim, compositores, instrumentistas e cantores faziam uso apenas de manuscritos.

No entanto esta situação começou a se alterar com o estabelecimento da corte portuguesa no Brasil em 1808. No mesmo ano foi criada a Imprensa Régia e com esse acontecimento, a impressão passou a ser permitida no Brasil. As primeiras oficinas que imprimiram música surgiram no Rio de Janeiro, por volta de 1830. Estes estabelecimentos também se incumbiam de editar e vender músicas. Entre tais estabelecimentos, destacam-se os de João Bartolomeu Klier, Victor Préalles e Isidoro Bevilacqua. A produção destas firmas era variada, abrangendo árias de ópera, música para piano solo e canto e piano, modinhas, valsas, contradanças, lundus, métodos para instrumentos, entre outras (PEQUENO, 1998, p. 370-371). Estas firmas utilizavam predominantemente três técnicas de gravura: a gravura em metal, a litografia e a zincografia. A gravura em metal, chamada no Brasil de “talho-doce”, é uma técnica que consiste em talhar, rasgar ou corroer a superfície de chapas de metal através de instrumentos cortantes ou através de substâncias corrosivas. Na litografia é utilizada uma pedra de calcário como suporte. A zincografia é uma variante da litografia (LEME, p. 129, 137 e 151).

Muitas partituras eram publicadas em periódicos que circulavam principalmente no Rio de Janeiro do século XIX, a exemplo, o *Jornal das Famílias*. Tal periódico oferecia “informações sobre poesia, moda [...] e vasto repertório musical para piano, canto/piano e algumas peças para órgão, com as partituras impressas por diferentes firmas, todas francesas” (ZAMITH, 2011, p. 21-22).

Além da impressão nacional, o Brasil importou uma quantidade bastante significativa de música impressa no decorrer do século XIX. Segundo Devriès-Lesure (1995, apud ZAMITH, 2011, p. 24), o Brasil importou da França, entre 1827 e 1836, 5.297 kg de edições musicais francesas; entre 1837 e 1846, 6.506 kg; e entre 1847 e 1856, 7.888 kg. De acordo com cálculos da autora: “o Brasil comprou em média 3,5% das exportações francesas, e entre 1848 e 1849, ela identificou aumento notável de exportação, 1470 kg chegando a 5% e 7,8%, o que o leva para a terceira posição no *ranking* geral”.

Toda essa produção e importação de música impressa está relacionada ao processo, descrito por Duprat (2001, p. 252-253), de secularização da vida social no Brasil durante o século XIX e primeiras décadas do século XX. Segundo Volpe:

A secularização da vida social no Brasil durante o século XIX deu origem a novos espaços de criação musical, tanto públicos como privados, que impeliram o desenvolvimento de uma ampla gama de atividades de apoio. No Rio de Janeiro, a capital imperial, a propagação de sociedades musicais, concertos públicos, saraus e temporadas regulares de ópera criaram um novo público entre os aristocratas, gradualmente alcançando a classe média, que era extensivamente engajada no fazer musical privado (VOLPE In: ILLIANO; SALA, 2010, p. 441, tradução nossa)⁶⁰.

A impressão musical, que durante a maior parte do século XIX era uma atividade exclusiva da cidade do Rio de Janeiro, começou a alcançar outras regiões do Brasil nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX. Em meados do século XX, São Paulo se destaca e se torna o principal centro impressor do Brasil (PEQUENO, 1998, p. 376). No entanto, a partir da segunda metade do século XX, a impressão musical entra em processo de declínio, seguindo o próprio declínio da execução musical através de partituras (CASTAGNA, 2008, p. 7).

Esses dados apontam para a importância que os impressos musicais tinham no meio social brasileiro no século XIX e primeira metade do século XX, e mostram que havia um mercado consumidor ativo. Contudo, a literatura sobre impressos musicais ainda é escassa, principalmente quando comparada à literatura que tem como foco o estudo de manuscritos musicais. Tal situação é ainda mais insatisfatória quando se trata de outras regiões do Brasil, como Goiás.

Ao consultar a literatura sobre música em Goiás, verificou-se registros sucintos sobre a presença de impressos musicais no Estado. Mendonça (1981, p. 39) relata a criação de um movimento na Cidade de Goiás intitulado *Edição Goyana*, “realizado com o fito de imprimir e divulgar obras musicais de autores goianos”. Este movimento foi idealizado pelo músico goiano Edilberto Santana e a edição foi realizada em São Paulo pela editora Irmãos Vitale em 1930. Nessa edição constam músicas do próprio Edilberto Santana e de outros compositores goianos, como Joaquim Édison e João Pirahy. Praticamente todas as obras que formam a *Edição Goyana* têm a colaboração literária do Dr. Inácio Xavier da Silva, que usava o

⁶⁰“The secularization of social life in Brazil during the nineteenth century gave rise to new spaces of music making, both public and private, which impelled the development of a wide range of supporting activities. In Rio de Janeiro, the Imperial capital, the spreading of music societies, public concerts, saraus, and regular operatic seasons created a new public among the aristocrats, gradually reaching the middle class, which was extensively engaged in private music making” (VOLPE In: ILLIANO; SALA, 2010, p. 441).

pseudônimo de Iamerô. Vieira (2013, p. 41) chama a atenção para o fato de que “tal dado constitui um dos poucos registros sobre movimentos de divulgação e impressão de músicas citados na bibliografia sobre música na antiga capital, Cidade de Goiás”. Além da *Edição Goyana*, Mendonça (1981, p. 56) cita também a impressão do dobrado *Dr. Xavier d’Almeida*, do Mestre Braz de Arruda, pela “Casa Lyra – Editora – Av. Central nº 161”.

Estes registros mostram que houve circulação de música impressa em Goiás no passado e que os impressos musicais desempenhavam algum papel na sociedade goiana daquela época, atestando, assim, a necessidade da realização de pesquisas focadas neste tema. Uma das formas para se desenvolver esta área é o estudo de acervos musicais goianos que contenham impressos musicais. Um destes acervos é o pertencente à família Ribeiro de Freitas, conhecido como Acervo Balthasar de Freitas, hoje depositado no Laboratório de Musicologia Braz Wilson Pompeu de Pina Filho localizado na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás.

O ACERVO BALTHASAR DE FREITAS

Balthasar de Freitas (1870-1936) foi um importante músico que atuou em Goiás do final do século XIX às primeiras décadas do século XX. Exerceu suas atividades principalmente nas cidades de Jaraguá e Silvânia, onde atuou como compositor, copista, regente, cantor e multi-instrumentista (PINTO, 2010, p. 66). Segundo seu filho, Clotário de Freitas, tocava muito bem vários instrumentos, entre eles oficleide, flauta, clarinete, baixo, bombardino, órgão e violão (MENDONÇA, 1981, p. 378). Em Jaraguá, foi membro da banda Euterpe Jaraguense, onde mais tarde se tornou maestro assistente. Além da Euterpe Jaraguense, participava, entre outras atividades, de festas religiosas da cidade. Em Silvânia (denominada Bonfim à época), ensinava música e fazia parte da banda de música da cidade e do coro da igreja (PINTO, 2010, p. 58, 61 e 65). Uma das grandes contribuições de Balthasar de Freitas foi o fato de ter preservado uma parte do passado musical de Goiás. Segundo Marshal Gaioso Pinto:

Balthasar de Freitas não só produziu ele mesmo um grande número de documentos musicais como também foi o herdeiro e guardião de um significativo acervo, acumulado por músicos de gerações anteriores, alguns deles também representantes da família Ribeiro de Freitas (PINTO, 2006, p. 17).

O acervo Balthasar de Freitas consiste em documentos coletados durante mais de um século. O documento mais antigo datado é de 1836 e trata-se de uma página título de uma obra intitulada *Solo para Nossa Senhora*. O documento mais antigo com música existente é

um manuscrito da Missa dos Anjos datado de 1851. O item com data mais recente é uma cópia feita pelo próprio Balthasar de Freitas de sua *Novena de Nossa Senhora da Penha* no ano de 1935. O acervo é dividido atualmente em quatro séries: Música Sacra, Música Instrumental, Música Impressa e Outros Documentos (PINTO, 2010, p. 119). As séries Música Sacra e Música Instrumental são formadas exclusivamente por manuscritos musicais e foram inteiramente catalogadas pelo pesquisador Marshal Gaioso Pinto. Em sua tese *Sacred Music in Goiás (1737-1936) and Balthasar de Freitas's Collection* (2010), Pinto descreve brevemente o conteúdo da série Música Impressa:

A série Música Impressa inclui música impressa para várias formações diferentes, abrangendo de peças para instrumento solo a banda sinfônica. A maioria das obras são danças de salão, mas existem também algumas marchas, música sacra e métodos pedagógicos para instrumentos (PINTO, 2010, p. 119, tradução nossa)⁶¹.

Atualmente, a ausência de um catálogo da série Música Impressa do acervo Balthasar de Freitas dificulta as pesquisas e análise de seu conteúdo. Como ainda não existe um instrumento de busca para que pesquisadores possam acessar informações sobre seus documentos, as pesquisas são praticamente inviáveis. Desse modo, o passo inicial para se estudá-la é a elaboração de um catálogo que contenha informações detalhadas sobre cada um dos itens que a constitui, como, por exemplo, os gêneros musicais, os compositores, as casas editoriais, as datas de publicação etc.

INÍCIO DA ELABORAÇÃO DO CATÁLOGO DA SÉRIE MÚSICA IMPRESSA

Para a elaboração do catálogo, tem-se como referência o *Catálogo de publicações de música sacra e religiosa brasileira – obras dos séculos XVIII e XIX*, de Carlos Alberto Figueiredo, disponibilizado online em <http://www.musicasacrabrasileira.com.br>. A escolha deste catálogo se deve ao fato de este possuir várias semelhanças com a proposta deste projeto, lidando exclusivamente com publicações musicais impressas. Outra referência metodológica fundamental para esta pesquisa é o livro de Donald W. Krummel, *Guide for dating early published music: a manual of bibliographical practices* (1974). Esta obra lida com vários problemas relacionados especificamente a análise de impressos musicais, em especial a sua datação.

⁶¹“The printed music sub-collection includes printed music for several different formations, ranging from pieces for solo instrument to symphonic band. The majority of its works are ball dances but there are also some marches, sacred music, and pedagogical methods for instruments” (PINTO, 2010, p. 119).

A catalogação iniciou-se tendo como base uma lista de obras da série Música Impressa elaborada pelo musicólogo Marshal Gaioso Pinto, quando este, juntamente com sua equipe, fez a organização e tratamento do acervo. A lista contém cento e doze peças musicais e apresentava informações elementares: gênero, título e compositor. Foi feita a conferência dos itens da lista com os documentos da série e acabou-se por encontrar mais obras, elevando o número para cento e vinte obras. Deste total, sessenta e duas peças são danças de salão (valsas, polcas, mazurcas, tangos etc), quatorze são música sacra, doze são marchas e as trinta e duas obras restantes pertencem a gêneros de música popular (samba, choro, toada, baião, etc.), sinfonia para banda ou não puderam ser identificados os gêneros.

Feita a revisão da lista de obras, partiu-se para a definição dos campos, tendo sempre como base o *Catálogo de publicações de música Sacra e religiosa brasileira – obras dos séculos XVIII e XIX*, de Carlos Alberto Figueiredo. Este catálogo possui vinte e dois campos. Muitos deles foram dispensados por se referirem exclusivamente a música sacra, como *incipit* (literário), destinação (litúrgica), idioma etc. Novos campos foram incluídos por serem considerados pertinentes aos itens da série Música Impressa, como Gênero Atribuído, Arranjador e Material Disponível.

Até o momento, o catálogo da série Música Impressa possui dezessete campos: Código, Gênero Atribuído (como é apresentado no impresso), Título da obra, Compositor, Período (anos de nascimento e morte do compositor), Região (onde atuou o compositor), Arranjador, Formação, Local da Publicação, Editora, Endereço da Editora, Catalogação Original (numeração das placas ou catalogação da editora), Ano da Publicação, Natureza do Material (partitura e/ou partes), Material Disponível, Localização no Acervo e Observações. Este campo abrange quaisquer outras informações que não se enquadram nos itens anteriores, como por exemplo, carimbos, textos manuscritos, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento a série Música Impressa do acervo Balthasar de Freitas tem-se mostrado uma fonte riquíssima de informações sobre o passado musical de Goiás, além de representar uma contribuição importante relativa à história dos impressos musicais no Brasil, ainda pouco estudado por nossos pesquisadores. A presente pesquisa, em fase inicial de catalogação, pretende contribuir com a organização e a divulgação do acervo Balthasar de Freitas, uma das testemunhas do passado musical de Goiás.

REFERÊNCIAS

- CASTAGNA, Paulo. Dualidades nas Propostas editoriais de música antiga brasileira. In: *Per Musi*, n. 18, p. 7-16, Belo Horizonte, 2008.
- DUPRAT, Régis. A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 29, p. 243-255, Brasília, 2001.
- FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Catálogo de Publicações de Música Sacra e Religiosa Brasileira – obras dos séculos XVIII e XIX*. 2010. Disponível em www.musicasacrabrasileira.com.br. Acesso em 14/09/2017.
- KRUMMEL, D.W. *Guide for Dating Early Published Music: A Manual of Bibliographical Practices*. Kassel: Bärenreiter, 1974. 267 p.
- LEME, Mônica Neves. *E “saíram à luz” as Novas Coleções de Polcas, Modinhas, Lundus, etc. – Música Popular e Impressão Musical (1820-1920)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2006.
- MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de. *A Música em Goiás*. 2 ed., Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981. 385 p.
- NEVES, José Maria. (ed.) *Música Sacra Mineira*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional da Arte, 1997.
- PEQUENO, Mercedes Reis. Impressão Musical no Brasil. In: MARCONDES, Marcos Antônio (ed.). *Enciclopédia da Música Brasileira: Popular, Erudita e Folclórica*. 2 ed. São Paulo: Arte Editora; Publifolha, 1998. p. 370-379.
- PINTO, Marshal Gaioso. *Sacred Music in Goiás (1737-1936) and Balthasar de Freitas's Collection*. Tese de Doutorado. Lexington: University of Kentucky, 2010. 517 p.
- VIEIRA, Joelson Pontes. *Bandas de Música Militares: Performance e Cultura na Cidade de Goiás (1822-1937)*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 385 p.
- VOLPE, Maria Alice. Music publishing in nineteenth-century Rio de Janeiro: Music Making, Cultural Values and the New Market. In: ILLIANO, Roberto; SALA, Luca. (Org.). *Instrumental Music and the Industrial Revolution*. Bolonha: UT Orpheus Edizione, 2010, p. 441-470.

ZAMITH, Rosa Maria. *A Quadrilha: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. 134 p.